



*Agenda 150 Anos de Memória
Histórica do Tribunal Bandeirante*

*Homenagem ao
Ministro Hélio Quaglia Barbosa*

20/10/2015

ÍNDICE

[Clique nas chamadas para ser remetido para a página onde se localiza o texto](#)

DISCURSO - Des. José Roberto Bedran (Orador em nome do Tribunal de Justiça de São Paulo)

PALAVRAS PROFERIDAS EM NOME DA FAMÍLIA - Caio Mário Fiorini Barbosa (filho do homenageado)

ENCERRAMENTO - Des. José Renato Nalini (Presidente do Tribunal de Justiça)

A Corte paulista, em cerimônia realizada no Palácio da Justiça, homenageou o ministro **Hélio Quaglia Barbosa**, em continuidade à Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal Bandeirante.

Diretor da Escola Paulista da Magistratura (EPM) no biênio 2002/2003, o ministro Hélio Quaglia Barbosa já havia dedicado 35 anos ao Judiciário paulista quando foi nomeado, em 2004, para compor o Superior Tribunal de Justiça (STJ). Sua contribuição ao Judiciário foi lembrada, durante cerimônia realizada na EPM, permeada por muita emoção, que integrou a **Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal de Justiça Bandeirante**. Na ocasião, foi atribuído o nome do ministro ao auditório do segundo andar da Escola.

Natural da cidade de São Paulo, o ministro Hélio Quaglia Barbosa nasceu em 25 de novembro de 1941. Ingressou na Magistratura em janeiro de 1969. No ano de 1984 foi promovido ao cargo de juiz do Segundo Tribunal de Alçada Civil. Em 1993, tomou posse no cargo de desembargador do TJSP, que ocupou até junho de 2004, quando assumiu o cargo de ministro do STJ. Na EPM, exerceu as funções de coordenador do Curso de Iniciação Funcional, docente de cursos para servidores, conselheiro (biênios 1996/1997 e 1998/1999), vice-diretor (biênio 2001/2002) e diretor (biênio 2002/2003). Também exerceu o magistério, tendo sido professor titular de Direito Civil e de Direito Administrativo da Faculdade de Direito de Araraquara. Faleceu em 1º de fevereiro de 2008.

O desembargador **José Roberto Bedran**, ex-presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo, foi orador em nome do Tribunal:

Senhor Presidente José Renato Nalini, a quem cumprimento pela auspiciosa iniciativa de, em conjunto com o Des. Ricardo Henry Marques Dip, homenagear a memória de grandes personalidades que passaram pelo glorioso TJSP, e a quem agradeço a escolha do meu nome para esta homenagem. A mais respeitosa saudação aos demais membros do Conselho Superior da Magistratura; ao eminente Des. Fernando Antonio Maia da Cunha, mui digno Diretor da Escola Paulista da Magistratura e idealizador da honraria conjunta que esta entidade também presta ao mesmo homenageado; Eminente Ministro Sidnei Beneti, Desembargadores, juízes, membros do MP, advogados e demais autoridades presentes. Caríssimos colegas de turma da faculdade, que compareceram para prestigiar esta solenidade. Estimados familiares do querido Hélio Quaglia Barbosa. Senhoras e Senhores.

As simples e despreziosas palavras que hoje profiro não são inéditas. Devem ser conhecidas de muitos aqui presentes. Foram escritas em agosto de 2008, a pedido do STJ, ao propósito de uma edição especial que seria lançada naquela Corte, em homenagem à memória do saudoso Hélio Quaglia Barbosa, cuja concretização ignoro; palavras essas que modestamente elaborei para lembrar várias passagens da frutuosa vida e brilhante carreira do nosso prezado e fraterno amigo. Deliberei repeti-las neste ensejo, para mais firmar esse meu testemunho e para que possam ficar eternamente gravadas nos anais do Tribunal e desta prestigiosa Escola.

Fevereiro do ano de 1962. Salão nobre da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Eu, ladeado pelos colegas Sérgio Lazzarini, Luis Antonio Gonçalves Torres e Joanna Pahor, recém ingressos no curso de Direito da tradicional faculdade, a velha e sempre nova Academia do Largo de São Francisco, todos provindos do conceituado Colégio Estadual Fernão Dias Paes, do bairro de Pinheiros, na Capital de São Paulo. Extasiados pela pompa e beleza do recinto, iríamos assistir à aula inaugural do primeiro ano do curso, nós homens, é claro, trajados de terno e gravata, como então exigia o habitual rigor da escola.

Nas apresentações dos inúmeros alunos, despontou a figura de um jovem alto, moreno, rosto redondo e pele brilhante, de olhos vívidos, HÉLIO QUAGLIA BARBOSA, que, à indagação do professor Goffredo da Silva Telles Jr., respondeu, para surpresa de todos, que provinha do curso de Física da Universidade de São Paulo, o qual, estando já a frequentar o segundo ano, confessou haver abandonado por ter sentido não ser a profissão que pretendia seguir.



Por aí já se identificava, afora uma personalidade forte e segura, a profunda inclinação que HÉLIO tinha pela área das ciências sociais, em especial pelo Direito.

Fizemos logo amizade, que perdurou por anos a fio, sobretudo porque, além da afinidade pelos estudos, torcíamos, ambos, para o mesmo time de futebol, o glorioso São Paulo Futebol Clube, o HÉLIO, por certo, sempre com mais fervor, fidelidade e profunda devoção.

Durante todo o curso de Direito, mantivemos estreito convívio, dentro e fora das Arcadas, participando ativamente da vida acadêmica. Eu, na Associação Atlética “11 de Agosto”, com atuação em várias áreas esportivas; HÉLIO, por sua vez, na parte cultural, até chegando, numa revelação precoce de pendores literários, juntamente com Luiz Antonio Gonçalves Torres, outro fanático torcedor do São Paulo FC, a lançar um jornal, chamado “O Imparcial”.

Integramos, com muita honra e orgulho, o famoso “Coral Acadêmico 11 de Agosto”, formado por alunos da Faculdade e então dirigido pelo competente maestro Roberto Zeidler. Com o Coral, participamos de vários concertos artísticos e viajamos para apresentações por todo o Brasil. HÉLIO compunha a turma dos barítonos e eu a dos tenores. Com seu espírito de liderança e alta competência, ele chegou a exercer as funções de seu diretor executivo. Nossa participação no Coral durou por todos os cinco longos anos do curso de Direito.

Nas épocas das provas, estudávamos juntos, trocando ideias e discutindo os temas jurídicos, chegando a preparar, depois das trabalhosas pesquisas de doutrina e jurisprudência, algumas conclusões, que as colegas Marilena Giraldes Guimarães, Leda Ignez Cermignani e Leonete Ângela Cardoso encarregavam-se de organizar em forma de apostilas e distribuir aos demais alunos interessados. HÉLIO sempre foi um aluno exemplar, sobretudo em Direito Civil, cuja área, sob regência e as aulas precisas ministradas pelo saudoso Professor Silvio Rodrigues, – invariavelmente com o louvor e com os expressos cumprimentos do mestre – completou com a nota máxima. Embora o titular da cadeira de Processo Civil fosse o saudoso Professor Luiz Eulálio de Bueno Vidigal, nos encantávamos com a aulas dos Professores José Ignácio Botelho de Mesquita e Tomás Pará Filho, os quais, longe dos normais padrões teóricos, nos estimulavam para a prática forense, o que nos foi de muita utilidade no futuro, já que, desde então, a nossa meta comum era mesmo o ingresso na Magistratura.

Nos finais de semana, o nosso “hobby” eram os jogos do São Paulo FC, ou no estádio do Pacaembu, ou no do Morumbi, aos quais íamos, ordinariamente, com os nossos parentes e amigos mais chegados, é claro que igualmente são-paulinos.

Rotineiramente, encerradas as aulas no período diurno, almoçávamos juntos e depois cada um se dirigia para o seu trabalho de escriturário, o HÉLIO na Secretaria da Saúde e eu no IPESP. Quase ao cabo do curso, fizemos estágio no Departamento de Assistência Judiciária do Centro Acadêmico 11 de Agosto, no qual, com a orientação do já advogado Miguel Aith, atendíamos os casos de necessitados e preparávamos as petições iniciais das ações a ajuizar e as contestações daquelas a responder, sempre trocando ideias e informações.

A festa de colação de grau de nossa turma ocorreu em 1966, sendo a solenidade realizada no majestoso Teatro Municipal da Capital, é claro que com a participação do “Coral Acadêmico 11 de Agosto”.

Essa turma produziu excelentes profissionais, Advogados, Procuradores da União, do Estado e do Município, Promotores Públicos e Juizes. Dentre estes últimos, vários alcançando o cargo de Desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo, Massami Uyeda, ex-Ministro do STJ, Octávio Roberto Cruz Stucchi, Ralpho Waldo de Barros Monteiro, Antonio Rulli Junior, ex-Diretor da Escola Paulista de Magistrados, Roberto Soares Lima, Carlos Eduardo de Carvalho, José Geraldo de Jacobina Rabello, Benedito Silvério Ribeiro, José Santana, Oscarlino Möeller, Miguel Cuccineli, Amauri Alonso Iello, Luiz Fernando Martins Pupo, Ronaldo Vaz Comparato, Romeu Ricupero, provindo do Quinto do Ministério Público, e Américo Izidoro Angélico, provindo do Quinto dos Advogados, Juvêncio Garcia; Joana Vitória Grillo e Maria Alexandra Kowalski Motta, Juízas do Trabalho, e Sérgio Lazzarini, ex-Presidente



do Centro Acadêmico II de Agosto, ex-Juiz Federal, hoje aposentado. Como integrantes do Ministério Público Estadual, Ronaldo Polleti, Antonio Carlos Arantes, Rubens Marchi, Irineu Teixeira de Alcântara e Marialice de Oliveira Rolim. Dos advogados, alguns jornalistas, políticos, professores universitários, escritores e publicitários: Antonio Carlos Marcondes Machado, João Paulo Maffei, Celso Roberto Cunha Lima, Enéas Cezar Ferreira Neto, Helena Maria Abrahão, Henrique Lindenbojn, Themis de Oliveira, José Roberto Fanganiello Melhem, Luis Antonio Gonçalves Torres, Luiz Antonio Mattos Pimenta de Araújo, Luiz Machado Fracaroli, Luiz Guilherme Silveira Ribeiro, Norma de Sá Maia, Pedro Luis de Campos Vergueiro, Márcio do Carmo Freitas, Renato Ribeiro, Roberto Delmanto, Roque Galhardo, Sylvio Faria Junior, Thomas Benes Felsberg, Nelson Sylvarolli, Morvan Saade, Mariliza Doll de Moraes, Décio Nascimento, Eduardo Negrini Coutinho e Caio Pompeu de Toledo, Deputados; Maria Sylvia Zanella Di Pietro e Adilson de Abreu Dallari, professores de Direito Administrativo; Neide Arcanjo, escritora e poetisa, Nelson Biondi Filho, publicitário, Mauro de Carvalho Mello, jornalista e José Paulo de Andrade, radialista.

A partir da formatura, e impedidos de desde logo prestá-lo, já que não contávamos com a idade exigida, na época 25 anos, começamos o preparo para o concurso da Magistratura. HÉLIO, juntamente com o colega Adilson de Abreu Dallari, tornou-se, mercê de seus bons conhecimentos jurídicos, assessor de Gabinete do Dr. Hely Lopes Meirelles, então Secretário do Interior do Estado de São Paulo, posto que, além da prestação de relevantes serviços, gerou-lhe afeição e forte inclinação para a área do Direito Administrativo.

Fizemos, sempre estudando juntos, dois concursos para a Magistratura de São Paulo, um no final de 1967, e outro em 1968, obtendo, neste último, a desejada aprovação, embora, desde o primeiro, o HÉLIO, por seus seguros conhecimentos e alta competência, já a estivesse a merecer desde então. Nesta mesma época, chegamos, ambos, a obter aprovação na prova escrita de um concomitante concurso de ingresso ao Ministério Público Estadual, deixando, porém, de prosseguir nas demais, por dar preferência à carreira da Magistratura, nosso velho e acalentado sonho.

Empossados e nomeados Juizes Substitutos em 13 de janeiro de 1969, HÉLIO foi designado para a Comarca de Araraquara e eu para a de Barretos, nas quais permanecemos por mais de ano e meio, sempre mantendo aproximados contatos, até mesmo na Capital, para onde vínhamos em visitas às famílias e, é claro, para ver nosso querido São Paulo FC. Em Araraquara, HÉLIO passou a lecionar Direito Civil e Administrativo em Faculdade de Direito dirigida por Ítalo Fucci, então Promotor Público local e meu conterrâneo de Taquaritinga, oportunidade em que manteve estreito convívio com Cândido Rangel Dinamarco, então membro do Ministério Público Estadual e depois Desembargador, emérito Professor de Direito Processual Civil, que ali também ministrava aulas.

Na promoção à primeira Comarca, HÉLIO foi para São Simão, próxima de Ribeirão Preto. Eu, com a inestimável ajuda dele, que, diante de minhas dificuldades em obter apoio de políticos, não hesitou em pedir a decisiva intervenção do Dr. Hely Lopes Meirelles, então Secretário da Segurança Pública, para Piratininga, nas cercanias de Bauru, certo que, na época, os atos finais das promoções na Magistratura eram da competência do Poder Executivo. Nestas Comarcas, permanecemos por longos três anos. Em São Simão, HÉLIO conheceu Maria Inês Fiorini, com a qual, anos depois, viria a casar-se e ter, em felicíssimo e duradouro matrimônio, três maravilhosos filhos, Caio Mário, Taís Helena e Ciro. Os dois varões, excelentes advogados, e Taís, atualmente também integrante da nossa Magistratura Estadual.

Nessa época, juntamente com Ralphy Waldo Barros Monteiro, colega de turma e que antes de nós já ingressara no Judiciário Paulista, fizemos uma viagem turística à Europa, para cujo sucesso muito contribuíram os conhecimentos linguísticos do HÉLIO, que falava fluentemente o inglês e o francês.

Na segunda Comarca, eu fui para Itanhaém, litoral paulista, enquanto o HÉLIO, um pouco depois, para São Joaquim da Barra. Daí, viemos promovidos para São Paulo, como Juizes Substitutos da Capital, cargos de terceira entrância, isso pelos idos de 1973 ou 1974.



Entre passagens por varas cíveis e criminais, por indicação do colega e amigo José Waldecy Lucena, que conhecemos no primeiro concurso, passamos, ambos, a integrar as equipes de correições da Corregedoria Geral de Justiça de São Paulo, na qual servimos por vários períodos e gestões. Na do saudoso Desembargador Humberto de Andrade Junqueira, HÉLIO, juntamente com Antonio Cezar Peluso, ex-Ministro do STF, e José de Mello Junqueira, passou a exercer as funções de Juiz Assessor de Gabinete do Corregedor Geral.

Deste labor especializado do Judiciário, e contando com a preciosa colaboração do estimado colega Augusto César Luz Franco Pinto, idealizamos a criação de um compêndio anual, publicado pela editora Revista dos Tribunais, condensando as “Decisões Administrativas da Corregedoria Geral de Justiça”, de muita utilidade para Juízes, demais operadores do Direito e todo o pessoal das serventias judiciais e extrajudiciais.

Promovidos para cargos de última entrância na Capital, HÉLIO foi titular de uma das Varas da Fazenda Pública e eu de uma das Varas Cíveis Centrais.

Em seguida, enquanto o HÉLIO foi promovido para o hoje extinto Segundo Tribunal de Alçada Civil de São Paulo, eu passei a integrar o também extinto Primeiro Tribunal de Alçada Civil. Depois, veio a promoção para o Tribunal de Justiça, ele para a então Segunda Seção e eu para a então Primeira Seção, ambos, posteriormente, na criada Seção de Direito Privado, HÉLIO a integrar a Colenda 10ª Câmara, composta pelos Desembargadores Ruy Pereira Camilo, Octávio Roberto Cruz Stucchi, Maurício Vidigal e Márcio Marcondes Machado. Juntos, compusemos o Grupo Especial de Câmaras das Seções Cíveis do Tribunal de Justiça, então encarregado de dirimir as dúvidas de competência entre os Tribunais Cíveis do Estado, no qual HÉLIO, com seus profundos conhecimentos jurídicos e das coisas íntimas do Judiciário, teve o costumeiro desempenho brilhante.

Graças aos seus reconhecidos dotes culturais e intelectuais, foi eleito Vice-Diretor da Escola Paulista da Magistratura, na gestão de Antonio Cezar Peluso, a quem, no biênio 2002/2003, em seguida sucedeu como Diretor, prosseguindo no trabalho inovador e criativo iniciado pelo antecessor, de todos recebendo os mais justos elogios e reconhecimento. Por isso, é merecidíssima a homenagem que hoje também lhe presta esta conceituada Escola, ao atribuir seu honrado nome a este auditório.

Só deixou o Tribunal de Justiça de São Paulo, que tanto amava e venerava, em 15 de junho de 2004, para tomar posse no elevado cargo de Ministro do Superior Tribunal de Justiça, cuja fulgurante carreira de Magistrado de quase quarenta anos – e que certamente assim continuaria –, a precoce e surpreendente morte, em 1º de fevereiro de 2008, tristemente trancou, para dor, desalento e angústia de todos, parentes, amigos e colegas, que muito o admiravam.

Com muita fidelidade e feliz lembrança, dele disse o Ministro Sidnei Beneti, em homenagem prestada no Superior Tribunal de Justiça, ao comentar o irreparável fato de sua morte, que, *“se se pedissem listas de nossos maiores juizes aos profissionais do meio jurídico nacional, nelas estaria sempre o nome honrado de Hélio Quaglia Barbosa”*.

Mais não seria preciso dizer deste meu queridíssimo amigo e pranteado homenageado, modelo exemplar de excelente Magistrado que sempre demonstrou ser em toda a sua brilhante carreira, chegando até mesmo a galgar o alto posto de Ministro do Superior Tribunal de Justiça, mister que, a despeito do volumoso serviço e exaustivo trabalho, a ponto de lhe causar sérios problemas de saúde, vinha exercendo há quase quatro anos, sempre com notório destaque e reconhecidos méritos.

Não me canso de lembrar, invariavelmente encantado pela singela verdade que exprime, do lapidar pensamento de FERNANDO PESSOA, a merecer repetição, muito oportuna para esta solene ocasião: *“o valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso, existem momentos inesquecíveis e pessoas incomparáveis”*.

Agradeço a Deus ter-me concedido a felicidade e a honra de haver merecido a grande amizade e o longo convívio mantidos com HÉLIO QUAGLIA BARBOSA, pessoa ímpar e incomparável, nesses frutuosos e constantes anos dourados de nossas vidas, que para mim eternamente significarão momentos inesquecíveis de minha modesta



existência.

E a Magistratura Paulista e Brasileira só têm a agradecer e louvar, como dela jamais se olvidarão, a ímpar e incomparável participação em seus quadros do notável Magistrado HÉLIO QUAGLIA BARBOSA!

Falando em nome da família, o filho **Caio Mário Fiorini Barbosa** agradeceu à Presidência do TJSP e à direção da EPM pela homenagem e saudou a sua realização no local, lembrando que o ministro foi vice-diretor e diretor da EPM. “Foi um período de muita alegria e de muitas realizações para meu pai, e fico bastante feliz por essa homenagem ser feita na Escola, porque aqui, talvez, ele tenha vivido o ápice de sua carreira como desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo”, ressaltou.

Idealizador da homenagem, o diretor da EPM, desembargador **Fernando Antonio Maia da Cunha**, agradeceu a presença de todos e a oportunidade de a Escola participar da “Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal de Justiça Bandeirante”, e de atribuir o nome de Hélió Quaglia a um dos auditórios da EPM. Ele destacou que algumas das prioridades da atual gestão da EPM, como a ênfase à formação dos juízes e o estímulo à pós-graduação, já eram metas e realizações do ministro. “Além de todas as suas outras qualidades, Hélió Quaglia Barbosa era também um visionário, com ideias que, muitos anos depois, continuaríamos a implementar”, frisou.

O presidente do Tribunal de Justiça, desembargador **José Renato Nalini**, ressaltou a emoção ao homenagear os integrantes do Judiciário paulista “que há mais de 150 anos vem edificando esse edifício sólido, consistente, que é um padrão ético para o Brasil”. Agradeceu a todos e disse que o ministro Hélió Quaglia Barbosa já estava “presente” na Escola, mas a placa com o seu nome é “um gesto simbólico de quem nutre grande admiração por alguém que cedeu uma parte importante de sua vida a essa instituição sólida, que é a Escola da Magistratura”.

Também participaram da solenidade o corregedor-geral da Justiça, desembargador Sérgio Jacintho Guerrieri Rezende; o presidente da Seção de Direito Privado do TJSP, desembargador Artur Marques da Silva Filho; o presidente da Seção de Direito Criminal, desembargador Geraldo Francisco Pinheiro Franco; o presidente da Seção de Direito Público, desembargador Ricardo Mair Anafe; o ministro Sidnei Agostinho Beneti; o vice-diretor da EPM, desembargador Manoel de Queiroz Pereira Calças; o ex-corregedor-geral da Justiça, desembargador Maurício da Costa Vieira Vidigal; o conselheiro da EPM, desembargador Antonio Carlos Villen; a viúva do homenageado, Maria Inês Fiorini Barbosa; os filhos Tais Helena Fiorini Barbosa e Ciro Flávio Fiorini Barbosa; o irmão Fernando Quaglia Barbosa; o genro Paulo e a nora Viviane; desembargadores; juízes; advogados; autoridades; amigos e servidores. O vice-presidente do TJSP, desembargador Eros Piceli, não pôde comparecer, mas transmitiu seus cumprimentos à família do homenageado.

